



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ENTRE O SER E O PROFESSOR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Itamara Weskla Barbosa Alves de Brito (1); Arthur Manoel Barbosa Andrade (1); Ítalo Pereira de Sousa (2); Paula Almeida de Castro (1).

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: O papel do professor mediante a crise educacional que o mesmo enfrenta no seu percurso profissional e pessoal é a temática de estudo apresentada neste artigo. Este partiu da observação em sala de aula, durante as atividades da disciplina de Estágio IV do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, do nono ano de uma escola pública de Campina Grande – PB. As explicações sobre a realidade docente são pautadas na teoria sobre ensino, formação docente e avaliação, alicerçando as interações entre o professor e os alunos e os processos de ensino e aprendizagem resultante destas. As reflexões do estudo realizado sobre a prática docente apontam entre o ser e o professor perpassam as vivências cotidianas entre os sujeitos escolares e o pragmatismo curricular.

Palavras-chave: Formação de professor. Estágio. Avaliação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Discutir acerca do papel do professor na contemporaneidade é levantar questões dignas de uma vasta pauta de discussões. O grande problema (mais um dos grandes) é se esperar demais de uma profissão que ainda é pouco valorizada, seja em condições de trabalhos ou dos salários: a Paraíba, por exemplo, ocupa o ranking dos seis piores estados do Brasil com pior remuneração para docente¹.

Hoje, não é muito difícil encontrar turmas de licenciatura, dentro da universidade, com cinco, seis alunos. Por exemplo: na seleção do vestibular, foram ofertadas quarenta vagas, sendo as mesmas preenchidas e matriculadas, mas ao passar do (per)curso, muitos vão ficando no caminho, ora desistindo do curso, propriamente dito, ora se atrelando a novas prioridades da sua vida.

Fato é que os poucos que se permitem permanecer na jornada são conscientes da realidade de sua profissão, como a falta de investimento físico e estrutural, mas principalmente na questão financeira. Desses poucos, a minoria pretende atuar no sistema público de ensino, na educação básica. Em geral, os demais, buscam a continuação dos estudos na área, aperfeiçoando-o com o mestrado e o doutorado, para assim, tornar-se professor em uma universidade, posto que a mesma possibilite um maior estímulo material.

Contudo, não adianta “tirar o corpo de campo” e culpabilizar exclusivamente os eventos ruins da Educação no Governo, na estrutura ou nos alunos. O professor é sujeito crucial e faz parte desse processo de aprendizagem. Então, devemos nos ater as condições objetivas. Apesar de que a realidade enfrentada pelos mesmos é fato, mas não exclusivo, de modo que

...não existe nenhum espaço de manobra para os professores, onde a diferenciação não passa de um sonho nunca realizado, porque as condições de trabalho, o número de alunos nas turmas, a sobrecarga dos programas, a rigidez dos horários ou qualquer outra imposição fazem do ensino expositivo uma fatalidade ou quase (PERRENOUD *apud* VASCONCELLOS, 2003, p. 88).

¹ Disponível em: <http://www.apec.org.br/extra/pesquisa.salarial.apec.pdf>. Acessado em 2 de agosto de 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Então, como **ser** professor dado às circunstâncias socioculturais? Até que ponto ele pode ser essencialmente o que é e utilizar ao máximo suas condições intelectuais para o ato de lecionar? Tais questões são de imensa dificuldade em chegar às respostas prontas e práticas, no entanto, o questionamento é válido para pensar o papel do professor e a estrutura oferecida pela sociedade ao mesmo.

Não é difícil de encontrar escolas onde alunos levam armas e drogas para sala de aula e os professores são ameaçados e totalmente desrespeitados. Facilmente nos deparamos com noticiários de chacinas em escolas, onde o professor torna-se vítima nas mãos de alunos, ou até mesmo os pais, inconformados com notas ou por qualquer outro motivo banal. Tendo isso em mente, percebe-se que, em alguns casos, essa violência recebe influência de um determinado meio que circunda o aluno.

Como se não bastasse os tantos obstáculos na sua vida profissional, ser professor no Brasil é fazer parte da estatística no ranking mundial de violência contra o professor. Uma pesquisa², por exemplo, aplicada no Brasil, aponta que este é o país com o maior e número de casos de violência contra professores.

Sendo este estudo baseado em um questionário internacional, de larga escala, que foca as condições de trabalho e de aprendizagem nas escolas, a fim de formular políticas públicas a respeito. Mais de 100 mil professores e diretores do ensino fundamental e médio, em 34 países, foram entrevistados³. Dado essas circunstâncias, ser professor aqui no Brasil, ao que parece, não é só um ato de otimismo, mas, acima de tudo, coragem.

A difícil discussão em torno da transformação dada pela Educação no cenário brasileiro vai além das questões de violência. Na prática, o professor precisa, também, ter muito “jogo de cintura”, para não se apavorar diante a falta de interesse da parte de alguns alunos, principalmente aqueles que fazem questão de demonstrar que nada do que esta sendo ensinado o interessa, e não há metodologia no mundo que consiga prender sua atenção.

² A pesquisa revelou que 12,5% dos professores entrevistados no Brasil disseram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana, ocupando a pior posição nessa área dentre todos os países pesquisados, que apresentaram a média de 3,4%.

³ Disponível em: <<http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/136798228/brasil-campeao-mundial-na-violencia-contra-professores>>. Acessado em: 20 de agosto de 2015.



METODOLOGIA

Em relação à questão dos valores dados pelos alunos, Tardif (2011) alerta que “cada aluno tem, em princípio, tanta importância quanto todos os outros; conseqüentemente, o professor precisa ocupar-se igualmente com cada um deles; mas cada aluno é diferente e tem necessidades e expectativas particulares” (p. 71). Neste sentido, ser professor é perceber que dilemas, problemas éticos e até mesmo conseguir tocar nas expectativas individuais se tornam ainda mais complicados na relação direta. Assim,

Em outras palavras, numa sala de aula acontecem interações significativas (e não apenas comportamentos físicos ou processos de tratamento da informação); essas interações procedem de significações e interpretações elaboradas constantemente pelos atores para compreender a ação dos outros e torná-los compreensíveis aos outros (TARDIF, 2011, p.72).

Estudos recentes indicam que o trabalho docente é uma tarefa altamente complexa e que depende diretamente do contexto, das coletividades, dos indivíduos, dos objetos determinados pela organização e dos meios que disponha para atingi-lo. Baseado em alguns estudos desenvolvidos no seio da etnometodologia, Tardif (2011) afirma:

Doyle (1986) propôs uma descrição dinâmica interessantes dessa tarefa complexa. Segundo esse autor, a classe comporta as seguintes características: nela são produzidos tarefas e acontecimentos *múltiplos* e *simultâneos*, que se desenvolvem de acordo com certa *imediatez* e certa *rapidez*; têm um pouco de *imprevisibilidade*; são *visíveis* ou seja, públicos; enfim, se desenvolvem de acordo com uma certa trama temporal, *histórica*, que remete às suas conseqüências sobre os acontecimentos e as tarefas futuras na classe (TARDIF, 2011, p.72).

Algumas dessas pesquisas foram desenvolvidas no suporte metodológico da pesquisa etnográfica que demonstrou ser uma ferramenta peculiar e estritamente eficaz diante das problematizações em questão. A Etnografia, que, por sua vez, em seu conceito original, consiste em utilizar, de maneira sistemática, registros que possibilitem



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a descrição da cultura de um determinado povo (ou indivíduo), vem sendo utilizada de maneira mais abrangente e peculiar, nos mais variados campos que a possa comportar, e encontrou na Educação o cenário perfeito para propagar seus métodos.

Esse tipo de abordagem na Educação permite que o pesquisador exponha comportamentos e mudanças desenvolvidas por grupos de alunos (ou o aluno, de maneira individual) podendo achar, assim, explicações para dilemas até então insanáveis. Este movimento de perceber os fatos de perto, *in locu*, permite que sejam reconhecidas as diferenças no âmbito educacional da sociedade. Como foi mencionado por Mattos (2011),

Trata-se de adotar um recurso metodológico de estranhar, distanciar-se das regras, da visão de mundo e das atitudes legitimadas pela sociedade e por suas instituições, tirando estas da opacidade em que a cultura as coloca (MATTOS, 2011, p. 30).

A mesma é uma metodologia que permite o estudo através da análise de dados e que requer a descrição de fatos, perspectivas, a descrição do visível, do percebido, da ação, sendo isso diretamente dependente da sensibilidade do pesquisador sobre o objeto de estudo, além da utilização de aparatos tecnológicos como vídeos, imagens, gravações, dentre outros. Dando o suporte de análise na sala de aula, baseado nessas pesquisas desenvolvidas com esta metodologia, Tardif (2011) afirma que, a partir desses estudos, fora diagnosticado que “o mestre age conforme os alunos e vice-versa” (p.72).

Percebe-se que ser professor é, também, perceber que seu principal trabalho em sala de aula, é, essencialmente, centrar nos alunos e se desenvolver concretamente no contexto de interações com eles. Nesse sentido,

O objetivo da escola nunca é simplesmente ensinar aos alunos, mas trata-se sempre de ensinar-lhes conhecimentos determinados, apresentados de uma maneira particular, de acordo com um ordenamento preciso e em função de uma imagem legítima do conhecimento, da cultura. Desse ponto de vista, transmissão e socialização, aprendizagem e disciplina, conteúdo cognitivo e princípio pedagógico são aspectos de uma só e mesma atividade: ensinar (TARDIF, 2011, p. 71).



Este ato de ensinar e o objetivo do ensino sofreram muitas transformações ao longo do tempo histórico. Na Grécia antiga, por exemplo, a educação era pautada no ensino para vida, para domar os medos e os desequilíbrios na existência: quem ensinava era aquele capaz de transmitir ao outro as artes de “bem viver”. Já no período do medievo, os ensinamentos tinham embasamento teológico e quem tinha acesso ao conhecimento eram os monges e o alto escalão do clero.

A modernidade, por sua vez, teve o ensino muito estimulado, principalmente no período conhecido como Renascimento, pois lançava olhar às raízes culturais gregas como reflexo ideal de cultura. E mesmo passando superficialmente por essas principais épocas da História, em nenhuma delas o professor, ser considerado principal sujeito de transformação, perdeu tanto seu lugar e status como na sociedade atual.

A exemplo disso, com todas as propostas de interdisciplinaridade, que, em partes, tem sua importância, percebe-se que na prova do ENEM, a questão que aborda o campo de História, permite que o aluno a responda sem precisar necessariamente de um professor de História, posto que o contexto da questão dê todo o embasamento para uma pessoa com uma boa habilidade de sintetização, contextualização e, principalmente, interpretação de texto, consiga responde-la tranquilamente.

O estudo foi realizado com base em observações de sala de aula, refletindo sobre a prática docente na interação entre o professor e os alunos de uma sala de aula do nono ano de uma escola pública de Campina Grande – PB. As atividades foram complementares às discussões da disciplina de Estágio Docente IV do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba. Além de ministrar uma aula ao final das observações com o acompanhamento da professor da universidade e o da escola, foram realizadas observações e conversas para consubstanciar o entendimento sobre a prática docente e a vivência escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para muitos, o professor é protagonista no ato de “ser ponte” do conhecimento. O professor Celso dos S. Vasconcellos, afirma esse ponto que fora citado anteriormente sobre o papel do professor. Para ele,

O professor, além de ter um importantíssimo papel de dispor os objetos de conhecimento considerados socialmente relevantes, participa deste processo assim como catalisador na reação química: não entra propriamente na reação, mas, por sua presença e atuação, ajuda a desencadeá-la; é um elemento dinamizador, que *acelera* o processo (VASCONCELLOS, 2003, p. 58).

Para ele, o professor não é somente o transmissor do saber, mas sim, mediador entre aquele conhecimento previamente estabelecido através do cotidiano do estudante e o conhecimento que deve ser transmitido, de modo que nenhum conhecimento seja totalmente inútil, mas sim, repensado, do ponto de vista metodológico presente na abordagem didática exercida no processo de ensino-aprendizagem escolhido pelo professor e, por fim, desenvolver o saber.

A grande questão em enxergar o ensino unicamente por esse viés, é que, em um dado momento, essa “ponte” será “atravessada”, e, aquele, que fora, outrora, mediador e protagonista de suma importância no clímax da cena da educação, torna-se “descartável”. Sendo assim, para onde vai o professor como sujeito de transformação?

O professor como sujeito de transformação se encontra, antes de tudo, nele mesmo, pautado no desejo de passar um conhecimento que sirva, antes de qualquer coisa, para transformar a vida do estudante, no sentido intelectual desse desenvolvimento.

Torna-se crucial entender que não é o professor quem insere o conhecimento na cabeça do aluno. No entanto, sabe-se também que não é deixando ele sozinho que o conhecimento “brotará” de forma natural. Quem constrói é o sujeito (professor), mas a partir da relação social, mediada pela realidade (VASCONCELLOS, 2003, p. 61).

Se a tarefa do professor fosse única e exclusivamente **transmitir**, seria muito fácil e simples sua substituição por qualquer outra coisa mais prática, até mesmo mecânica. Muito pelo contrário: justamente nesse cenário repleto de informações



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

jogadas ao lixo e ao estresse informacional é que pede uma mediação qualificada. O educando tem necessidade de estruturas de conhecimento (organização das informações), de capacidade crítica, de ser despertado para outros campos do saber (VASCONCELLOS, 2003, p. 61).

A prática dos educadores, as escolas e o sistema de ensino, são coisas dessa realidade que precisa se transformar. O objetivo do professor é ajudar nessa transformação, articulando as várias instâncias no que diz respeito ao processo educacional. Não se trata de uma tarefa muito fácil, é uma questão existencial: se o professor não acreditar e não assumir essa perspectiva, não estará em condições de atuar como autêntico educador.

No tratar a mediação em termos de dispositivos pedagógicos, o autor Jorge Larrosa mostra que o ensino não deve ser entendido como um conjunto de práticas sistematizadas, mas sim

Um espaço neutro ou não problemático de desenvolvimento ou de mediação, como um mero espaço de possibilidades para o desenvolvimento ou a melhoria do autoconhecimento, da autoestima, da autonomia, da autoconfiança, do controle, da auto-regulação etc., mas como produzindo formas de experiências de si, nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular (LARROSA *apud* VEIGA-NETO, 2014, p. 85).

Logo, por meio da atividade em sala de aula, o docente já pode estar participando de todo movimento de transformação da realidade. Contudo, para que isso se consuma, de fato, é preciso assumir uma postura crítica diante dos percalços dispostos ao longo do caminho cotidiano. Como afirma Sartre, “o importante não é o que fizeram comigo, mas o que eu faço com o que fizeram comigo” (SARTRE *apud* VASCONCELLOS, 2003, pg. 76), nesse sentido, se percebe que o desafio consiste em saber mudar as condições concretas que estão dadas, e não nas idealizadas.

O debate circunda em torno da perspectiva do professor como sujeito de transformação. No entanto, é de suma necessidade perceber que o próprio precisa acreditar na possibilidade de mudança. Para Celso Vasconcellos,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista **objetivo** (salário, carreira, instalações, equipamentos, números de alunos por sala, etc.), quanto **subjetivo** (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.) (VASCONCELLOS, 2003, p. 77).

Cabe ao professor assumir essa posição reativa, defensiva e partir para autocrítica e (re)construção de sua proposta político pedagógica. Sabemos que não é tarefa simples, mas absolutamente necessária. Caso contrário, dificilmente as estruturas educacionais mudarão.

Por outro lado, a questão do aprender vai além do controle do professor. Ele faz sua parte (importantíssima, diga-se de passagem), mas dominar como o conhecimento chega ao aluno está além de suas capacidades. Não devemos nos acomodar com a questão de que o ensinar é, obrigatoriamente, aprender. Silvio Gallo, por exemplo, autor da obra “Deleuze e a Educação”, afirma que:

Devemos desconfiar da certeza fácil de que aquilo que é ensinado é aprendido. Ou de que aquilo que é transmitido é assimilado. Já nos tempo bíblicos se falava que as sementes podem ou não germinar, dependendo do solo em que caem; pois bem: ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo (GALLO, 2013, p. 83).

Ser professor é, neste sentido, entender que mesmo sendo a raiz canalizadora das principais informações que venham a trazer transformações para a vida de pessoas, saber que as sementes lançadas podem servir para originar o que for conveniente para quem as interpreta.

Contudo, há uma lacuna enorme entre o aprendido na teoria acadêmica e a verdadeira prática docente. O aluno que se prepara em um curso de licenciatura se depara com uma realidade bastante diferente da que a teoria o prepara.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONCLUSÃO

A universidade prepara o aluno para dominar determinado conteúdo que se encaixa dentro do conceito exigido pelo Parâmetro Curricular Nacional, no entanto, na prática percebemos que o objetivo do professor é estritamente “passar o conteúdo” que será exigido nos exames seletivos de acesso às universidades públicas do país.

Assim, entre a teoria que prepara o aluno e a prática exercida enquanto profissional, há uma linha muito tênue e difusa. Fica nítido que não existe mais aquilo que fora ensinado por muito tempo pelos antigos gregos: ensinar para o bem viver. Ensina-se para o mercado de trabalho.

O professor que recebeu uma carga absurda de materiais que o estimule a pensar e desenvolver o senso crítico outrora na academia, muitas vezes se encontra barrado diante dos trâmites do sistema educacional, reprimindo seu papel dentro da sala de aula, fatos como, por exemplo, o de não pode reprovar o aluno, na escola pública, mesmo este não estando apto ao aprendizado do próximo assunto a ser exposto.

Na questão “mercado de trabalho”, ser professor é estar dividido entre os limites do privado e as limitações do público: em um, o professor tem investimento, ferramentas, livros e um bom salário, mas não tem a comodidade de um concurso e limita suas aulas no foco exigido pela instituição; no outro, ele pode levar o conhecimento de maneira mais maleável, sem exigências, muitas vezes concursado com um salário razoável, mas limitado pela falta de recursos didáticos.

Em suma, nada se compara a preparação pessoal que o mesmo passa ao longo do tempo dentro da academia e fora também, por meio das relações interpessoais. Ainda assim, com todo preparo acadêmico e, conseqüentemente, teórico, não se pode prever como será a prática da ação docente e esta experiência é muito importante para a formação pessoal e profissional do futuro professor.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GALLO, S.. **Deleuze & a Educação**. – 3.ed. – Belo Horizonte, BH: Autêntica Editora, 2013.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. de. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

TARDIF, M. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas; tradução de João Batista Kreuch. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VASCONCELLOS, C. S.. **Para onde vai o Professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. - 10.ed. – São Paulo, SP: Libertad, 2003.

VEIGA-NETO, A.. **Foucault & a Educação**. – 3.ed. ; 1. reimp. – Belo Horizonte, BH: Autêntica Editora, 2014.